



Recebido em 12/02/2021

Aceito em 23/04/2021

DOI: 10.26512/emtempos.v1i38.36456

ARTIGO

Eugenia em *A Máquina do Tempo* de H.G. Wells

Eugenics in H.G. Wells' *The Time Machine*

Denis Marcio Rodrigues Junior

Mestrando em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade na UNIFEI

<https://orcid.org/0000-0002-6380-4992>

denismrj@hotmail.com

Daniele Ornaghi Sant'Anna

Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela USP

Professora na UNIFEI

<https://orcid.org/0000-0003-0271-1693>

ornaghi@gmail.com

RESUMO: O final do século XIX foi um período de contradição entre o otimismo intelectual quanto ao progresso teleológico da história e uma realidade social de desigualdade e miséria urbana. O escritor H.G. Wells se posicionava entre os dois lados, sendo um biólogo de formação e um ativista preocupado com as imensas dificuldades enfrentadas pela classe operária. Em sua obra *A Máquina do Tempo* (1895), essas preocupações se evidenciam quando o protagonista se depara com a sociedade do futuro: uma distopia onde a evolução da espécie humana, deixada à própria sorte, conduz à radicalização da desigualdade em duas espécies: os *eloi* e os *morlocks*. Dialogando com o gênero literário da utopia, o livro serve como veículo para que o autor critique seu contexto histórico e, então influenciado por Francis Galton e Thomas Huxley, deixe transparecer o que via como solução: o controle consciente do processo de evolução através da eugenia.

PALAVRAS-CHAVE: Distopia. Ficção científica. Eugenia.

ABSTRACT: The end of the 19th century was a period of contradiction between intellectual optimism regarding the teleological progress of history and a social reality of inequality and urban misery. The writer H.G. Wells positioned himself between the two sides, being a biologist and an activist concerned with the immense difficulties faced by the working class. In his book *The Time Machine* (1895), these concerns are evident when the protagonist meets the society of the future: a dystopia where the evolution of the human species, left to its own devices, leads to the radicalization of inequality in two different species: the *eloi* and the *morlocks*. Conversing with utopian literature, the book serves as a vehicle for the author to criticize his historical context and, then influenced by Francis Galton and Thomas Huxley, reveal what he saw as a solution: the conscious control of the evolution process through eugenics.

KEYWORDS: Dystopia. Science Fiction. Eugenics.

Introdução

O final do século XIX foi cheio de contradições. Os impressionantes avanços em diversos campos da ciência enchiam os intelectuais de confiança: a física parecia praticamente resolvida com apenas uma questão menor ou outra para desvendar; a biologia encontrava em Darwin um grande desbravador, a química fazia grandes avanços, assim como a medicina; as máquinas a vapor, o telégrafo, ondas de rádio, a fotografia, o fonógrafo, entre diversas outras novas invenções surgiam por todos os lados, causando uma profunda impressão de uma era de progresso. Os contemporâneos, ao menos nos círculos científicos, não poderiam estar mais confiantes e seguros com os rumos da sociedade que haviam construído. Ao mesmo tempo, entretanto, se vivia um período de contradição social sem precedentes. Algumas décadas antes Friedrich Engels publicara seu clássico livro *A Situação da Classe Operária Inglesa*, e no fim do século os problemas continuavam. Talvez poucos autores tenham representado essa contradição tão claramente como Herbert George Wells.

Considerado o pai da ficção científica, Wells era um biólogo de formação e profundo admirador de Thomas Huxley e Charles Darwin, que apresentava desde os primeiros escritos uma profunda preocupação com questões políticas e sociais, ao ponto de seus escritos posteriores chegarem a ser considerados panfletários. Um de seus livros mais conhecidos, *A Máquina do Tempo*, é um excelente exemplo disso.

Publicada em 1895, inicialmente através de uma série de artigos na revista *The New Review* e em volume único pela *Henry Holt and Company* pouco depois, a obra se tornaria imensamente popular, tanto na época em que foi publicada como posteriormente, popularizando o conceito de viagem no tempo e inspirando dezenas de adaptações nas mais diversas mídias.

No livro o protagonista, identificado simplesmente como o Viajante do Tempo, convida um grupo de intelectuais para contar sobre suas teorias e sobre sua invenção: uma máquina do tempo. Alguns dias depois, um novo jantar acontece e o anfitrião surge atrasado, exausto, faminto e ferido e, depois de se limpar e jantar, passa a contar aos seus céticos convivas sobre sua viagem no tempo. No ano 802.701 o Viajante do Tempo encontra um mundo coberto de construções impressionantes e habitado pelos eloi, criaturas belas, mas indolentes e tolas, sem nenhuma iniciativa e com mentalidades infantis. Ele logo assume que o avanço científico do seu tempo levou à resolução de todos os problemas políticos e científicos da humanidade, fazendo com que o conforto absoluto e ausência de desafios conduzissem àquela sociedade idílica. Entretanto, percebe em seguida que não é bem o caso; ao investigar mais a fundo o mundo do futuro, preocupado com o mistério das roupas e alimentos dos eloi, que aparecem novos sem que haja sinal de produção, encontra os repulsivos morlocks, outro ramo que evoluiu da espécie humana, que habitam os subterrâneos sem poder suportar a luz.

O Viajante logo deduz que as duas diferentes espécies são descendentes dos capitalistas e do proletariado de seu tempo, a primeira permanecendo na superfície e recebendo apenas do bom e do melhor produzido pelos outros, repelidos para os túneis e fábricas escuras. Após investigar mais o mundo do futuro, se afeiçoar e perder uma eloi chamada Weena e recuperar sua máquina do tempo tomada pelos morlocks, o

protagonista continua saltando para o futuro até o período além do fim da espécie humana quando o próprio sol já se encontra em decadência, enorme e vermelho, antes de finalmente voltar para sua própria época.

Metodologia: a literatura como fonte para o historiador

Usar uma obra literária como fonte histórica não é um movimento que possa ser feito sem cuidados, alerta Peter Gay em seu livro *Represálias Selvagens* (GAY, 2010). Ele escreve sobre o romance realista do século XIX, particularmente sobre Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann, não a partir de seus métodos literários ou lugar na história da arte, nem buscando conhecimento edificador neles, mas sim procurando, como em fontes para o historiador, informações sobre a cultura da sociedade em que foram escritos. As fontes de Gay tratam-se exclusivamente dos romances realistas, que se preocupavam em relatar costumes e detalhes da vida de suas épocas e, assim, assumem um valor específico para o historiador, quando, por exemplo, Flaubert narra os costumes de um casamento em *Madame Bovary*. Não porque seja verdade, se tratando de uma história inventada, mas sim porque há por parte do autor uma intenção de *verossimilhança*. Ainda que escrever ficção não seja a mesma coisa que escrever história e que, inevitavelmente e independente da vontade do autor, haverá uma distorção de imagens – como no caso da crítica de Dickens ao utilitarismo na Inglaterra, em que o autor inglês pouca competência tinha para discorrer sobre tal assunto, afirma Gay –, mas com o auxílio de outras fontes, estudando o contexto social e psicológico do autor, elas podem oferecer uma rica ferramenta ao historiador.

Ao trabalhar com uma obra de ficção científica há uma clara diferença: não há necessidade de verossimilhança, as amarras com a realidade são ainda mais soltas. Mas, ainda assim, suas considerações podem ser válidas para o historiador em diversos aspectos porque qualquer romance, realista ou não, fala de sua própria época acima de tudo. Particularmente pretendo usar a ideia da tríade de fontes que, Gay aponta, influenciam na construção de uma obra: a sociedade ou meio onde ela foi concebida, a arte ou tradição literária em que se insere e a psicologia ou microcosmos do autor.

Elas são obviamente ligadas: um gênero como a ficção científica parece ter seu lugar certo em um período em que a ciência sobrepunha a fé religiosa e a feitiçaria como grande inquietador da imaginação e, como Gay aponta, o terceiro elo, a mente do autor, exerce uma função dupla: além de uma fonte, ela é o codificador das outras duas. Wells escreve do seu ponto de vista, como um homem inserido na sociedade e na cultura de seu tempo.

Contexto histórico: As contradições do Século XIX

Em seu clássico *A Era do Capital*, Eric Hobsbawm (2001) trata da confiança que os intelectuais do século XIX colocavam no progresso da humanidade. Herbert Spencer, o mais proeminente filósofo do final do século, proclamava que já havia passado as eras da religião e da metafísica e agora a humanidade encontrava na ciência as respostas mais promissoras. Se na ciência há períodos revolucionários e períodos não

revolucionários, conforme o sistema de Thomas Kuhn, o final do século XIX foi do segundo tipo: não que achassem que tivessem alcançado todas as respostas mas sim que estavam no caminho certo. A ideia de que o lugar em que se encontravam teleologicamente conduziria ao fim da história era compartilhada por conservadores liberais e críticos revolucionários (como Marx), com a diferença de que alguns achavam que seria um percurso direto e outros que seria descontínuo, mas entre qualquer um deles não havia qualquer dúvida de que nunca antes na história se soube mais.

Um dos maiores influenciadores do pensamento da época foi Charles Darwin com sua *A Origem das Espécies* (1859), que posicionou o humano na ciência, o mostrando como algo participante dos processos naturais e, portanto, a capacidade da ciência de explicar o que antes era considerado domínio exclusivo da religião e da filosofia. A partir da teoria da evolução, se tentou encaixar tudo: a religião, a economia, os processos históricos e as diferentes etnias. De acordo com Hobsbawm, não havia sequer base científica sólida para estas teorias, mas elas se explicariam sobretudo por motivos políticos: a ideia de que os diferentes povos estavam em um estágio anterior justificaria a colonização, por exemplo, uma vez que os europeus assumiam o papel de guia dos povos inferiores. Conforme a teoria crítica da tecnologia formulada por Andrew Feenberg (2005), o caminho do progresso não é definido pelo que é mais eficiente e nem tendo em vista o bem geral, mas sim para manutenção do poder de uma pequena elite tecnocrática.

Em *A Máquina do Tempo*, Wells não se preocupa em particular com o colonialismo e, ainda que seu Viajante atravessasse mais de 800 mil anos, espacialmente ele não sai da região da Inglaterra: as contradições que aponta são as internas do país. Além disso, como homem de seu tempo, ele não se movimenta no sentido de questionar o avanço científico em si ou suas aplicações, mas sim os problemas sociais. De fato, a interpretação darwinista aplicada à humanidade está presente no texto nas duas evoluções distintas que segue a espécie humana, ainda que ele apresente uma visão distópica do destino do homem:

Pareceu-me que eu me deparava com a humanidade em uma época de declínio. O crepúsculo avermelhado fez-me pensar no crepúsculo da raça humana. Pela primeira vez comecei a compreender uma estranha consequência dos esforços sociais em que hoje estamos empenhados. E, nada obstante, era uma consequência bastante lógica. O vigor é o produto da necessidade; a segurança é um convite ao enfraquecimento. A obra de melhoria das condições de vida - o verdadeiro processo civilizatório que torna a existência mais segura - havia prosseguido firmemente e atingido seu clímax. A humanidade unida havia acumulado uma sucessão de triunfos sobre a Natureza. Coisas que hoje não passam de sonhos haviam-se transformado em projetos palpáveis e executados em sua plenitude. E o resultado era o que eu estava vendo! (WELLS, 1981, p. 30).

O Viajante do Tempo, assim como seus convivas, é um intelectual de sua época, um dos crentes no progresso e na ciência. Não se pode confundir a figura do protagonista com o autor e isso parece explícito nas diferentes conclusões que o primeiro chega erroneamente no futuro, entretanto Wells tinha convicções claras e nenhuma hesitação em colocá-la em seus livros.

Ele se identificava como um socialista democrático e em sua autobiografia afirma que seu ativismo era motivado pela “incompatibilidade entre a grande ordem mundial demonstrada pelo progresso científico e industrial com as estruturas políticas e sociais” (TAUNTON, 2014). Ele defendia um estado mundial socialista, os direitos humanos, o feminismo e o liberalismo; nas primeiras décadas do século XX ele se tornaria um dos mais proeminentes pensadores políticos com livros como *Anticipations* (1901), *Mankind in the Making* (1903) e *A Modern Utopia* (1905). Essas preocupações já estão presentes em *A Máquina do Tempo*, em que as conclusões do Viajante do Tempo vão nessa direção. Eloi: idílicos, vivem na superfície e lembram as sociedades utópicas descritas por Thomas Moore e outros pensadores; Morlock por sua vez: fazem o necessário para a sociedade existir, produzem, mas se tornam criaturas monstruosas; Wells deixa claro que a sociedade futurística de *A Máquina do Tempo* reflete a sociedade de seu tempo. Ele aponta para a evolução a partir das condições terríveis de trabalho e da marginalização do proletariado (TAUNTON, 2013). Ao fazer isso, ele se insere em um movimento literário popular na época: a literatura de utopia.

Contexto literário: Utopia e Distopia

O período contraditório entre otimismo científico e problemas sociais geraria uma série de propostas de solução, entre elas a literatura de utopia. O termo é cunhado por Thomas More em 1516 em seu livro *Utopia*, onde descreve uma sociedade perfeitamente funcional na ilha de "lugar nenhum", mas propostas semelhantes podem ser encontradas anteriormente em obras da antiguidade, como *A República* de Platão, ou mesmo nas promessas religiosas de um paraíso teocrático. Segundo Eliandro Furlanetto (2013), uma forma tradicional de crítica social, ao contrapor uma sociedade perfeita à real, imperfeita, obras de utopia foram um discurso usado em diferentes momentos históricos, mas no final do século XIX crescem em quantidade e popularidade e incorporam um novo cenário: a cidade.

Uma obra em particular se destaca por seu alcance e influência na época: *Looking Backward*, escrita por Edward Bellamy e publicada originalmente em 1888, foi o terceiro livro mais vendido de seu tempo e inspirou o surgimento de mais de 160 "Clubes Bellamy" ao redor dos Estados Unidos. Para José Vasconcelos (2013), a obra se enquadra nos moldes do Socialismo Utópico de Fournier, Owen ou Saint-Simon: uma crítica ferrenha dos problemas do capitalismo, mas com uma crença de que uma sociedade igualitária e justa seria alcançada pacificamente e dentro do próprio sistema. Assim, Bellamy aponta para todos os problemas da cidade dominada pela fábrica - a poluição, a insalubridade, a desigualdade -, mas, ao invés de advogar a destruição do maquinário e a volta a antigos modos de produção, o seu futuro ideal é urbano e a tecnologia é aperfeiçoada: não é a fábrica que desaparece, mas a chaminé.

Ao mesmo tempo, outras obras faziam contraposição direta a utopias como a de Bellamy, sendo o exemplo mais famoso a distopia *The Republic of The Future* (1887) de Anna Bowman Dodd. Se a utopia é uma crítica da sociedade e uma proposta de mudança, tradicionalmente distopia é um produto desta, sendo a rejeição a um determinado projeto utópico. É nesta definição que o livro de Dodd se encaixa: ela rejeita

o socialismo da época que seria manifestado pouco depois por Bellamy. Ela é uma conservadora, contrária a movimentos progressistas como o feminismo e o igualitarismo. Dodd não rejeita o desenvolvimento científico porque o problematiza, mas por seu apego aos valores tradicionais, a uma forma de saber anterior ao método científico: a base da sua distopia é religiosa e antimoderna.

Não é esse o sentido da distopia em *A Máquina do Tempo*, entretanto. Nela, a base está na própria ciência: é a evolução que conduziria ao terror se deixada à própria sorte. Wells se insere e, ao mesmo tempo, contrasta o gênero utópico: sua obra é crítica de sua sociedade, mas não tem o otimismo de alguém revolucionário que, mesmo rejeitando muitas das estruturas da sociedade, acredita – teleologicamente, de acordo com a moda do século – que de alguma forma evoluiremos para algo melhor. Mesmo a sociedade pacífica dos eloi é uma crítica a projetos utópicos tradicionais: quando não há mais conflitos para a humanidade, ela evoluiria para criaturas tolas e indolentes. Ao mesmo tempo, a extrema desigualdade conduz a um fim absolutamente aterrador, em que a humanidade se perde totalmente e a própria Terra parece fadada à extinção.

Assim fui viajando, parando de tempos em tempos, a intervalos de mil anos ou mais, impelido pelo mistério do destino da Terra, vendo com estranha fascinação o sol tornar-se cada vez maior e mais apagado no ocidente, e a vida neste velho planeta declinar para o fim. Numa fase há mais de trinta milhões de anos da época atual, o largo semidisco rubro do sol terminara por ocultar cerca de um décimo do céu sombrio. Parei uma vez mais, pois a multidão de caranguejos-gigantes havia desaparecido, e a praia vermelha, salvo pelas hepáticas e os líquens de um verde lívido, parecia sem vida. (WELLS, 1981, p. 71).

Ainda depois dos morlocks e eloi, nos últimos saltos no tempo que o Viajante faz antes de voltar a sua época, a descendência humana não perece. Um trecho retirado da versão final do livro revela a nova evolução: um animal saltitante semelhante a um canguru, que sofre com a voracidade de centopeias gigantes. Segundo Alex Eisenstein, eles só poderiam ser os descendentes dos morlocks que, após acabar com todos os animais da planície em que a história se passa, são obrigados a se voltar ao canibalismo como última possibilidade de sobrevivência até extinguirem eles mesmos seus primos eloi. Finalmente no ponto mais distante no tempo o Viajante se depara com o último descendente humano, “(...) uma coisa redonda, talvez do tamanho de uma bola de futebol, ou, quem sabe, um pouco maior, munida de tentáculos que ela arrastava” (EISENSTEIN, 1976). O Viajante, enjoado e confuso, quase desfalece: a coisa disforme é o terror absoluto, a degradação completa do homem.

Qual é o ponto de Wells em *A Máquina do Tempo*, então? Obras posteriores do autor como *A Modern Utopia* de 1905, *Men Like Gods* de 1923 e *The Shape of Things to Come*, publicada em 1933, apresentam mais explicitamente suas ideias de progresso, assumindo a forma tradicional do gênero utópico. Algumas das ideias divergem, mas o objetivo é o mesmo dos outros livros do gênero: mostrar uma sociedade ideal, apontando os defeitos da sua. No livro de 1895, a evolução da espécie humana não parece nem um pouco para melhor, pelo contrário, ela decai até se tornar um ser invertebrado e repulsivo para o protagonista. Se a evolução não conduziria naturalmente para um estágio superior, o que faria? Aqui mais uma vez, por mais progressistas que fossem

muitas de suas ideias, Wells se prova um homem de seu tempo ao defender uma das ideologias mais perigosas do século XIX: a eugenia.

H.G. Wells e a Eugenia

O termo eugenia, ou “bem nascido”, foi criado em 1883 por Francis Galton, importante intelectual inglês do século XIX e primo de Darwin. Ele pretendia desenvolver uma ciência genuína sobre a hereditariedade humana, utilizando a tecnologia biométrica para identificar os melhores membros da espécie e estimular sua reprodução, bem como, por outro lado, impedir que aqueles que apresentassem características degenerativas procriassem, garantindo dessa forma o progresso da humanidade (DEL CONT, 2008). Como Wells, Galton não manifestava o mesmo otimismo de Spencer, mas por razões diferentes: ele via nos índices de natalidade muito superiores das classes proletárias em relação às mais nobres e excelentes o sinal inevitável da degradação. Advogando, assim, a urgência da aplicação de suas teorias (POLIAKOV, 1974).

Apesar de influenciado por elas, Wells viria a criticar duramente as ideias práticas de Galton. Mais profunda e duradoura foi a influência de Thomas Henry Huxley, o famoso Buldogue de Darwin e seu professor na Escola Científica de South Kensington, ao ponto de ele escrever em sua biografia que Huxley foi o maior homem que já conhecera. Huxley defendia que a evolução se dividia em dois processos: o cósmico e o ético. O primeiro é o processo cego que vem acontecendo há milhões de anos e que levou à diversidade de vida que há no planeta; o segundo, por sua vez, é guiado e envolve o homem tomando um papel ativo na condução da evolução. Ele não seria menos natural do que o primeiro, uma vez que o próprio homem, sua inteligência e ética surgem do processo evolutivo. Mais do que reconhecer os dois, Huxley advogava um papel mais consciente do processo ético, interferindo e combatendo o processo cósmico (PARTINGTON, 2003). Ele diz:

À medida que a civilização tem avançado, aumentou também a extensão da interferência [da humanidade]; até que as ciências e artes altamente desenvolvidas do tempo presente dotaram o homem de um comando sobre o curso da natureza não-humana maior do que o outrora atribuído aos magos. (PARTINGTON, 2003, p. 76).

Em *A Máquina do Tempo* Wells já demonstra o mesmo pensamento de seu predecessor: a evolução que leva aos eloi e aos morlocks é resultado da atividade humana, das contradições de sua sociedade:

Primeiro, tomando como ponto de partida os problemas de nossa época, parecia-me claro como a luz do dia que o crescente alargamento da distância social (meramente temporária) que existe hoje entre o Capitalista e o Operário era a chave de toda a questão. Sem dúvida que isso lhes parecerá bastante grotesco - e absolutamente insustentável! - mas em nossos dias mesmo já existem provas que apontam nessa direção. Há uma tendência a utilizar o subsolo para serviços menos nobres da civilização. [...] Evidentemente, raciocinei eu, a tendência se acentuou de tal forma que a Indústria perdeu o seu direito de existência à luz do sol! (WELLS, 1981, p. 44-45).

E logo abaixo o Viajante do Tempo praticamente reproduz a teoria da evolução ética de Huxley:

O triunfo absoluto da humanidade, que eu havia sonhado, tomava uma conformação diferente no meu espírito. *Não tinha sido, como eu imaginava, uma vitória da educação moral e da cooperação geral.* O que eu via, em vez disso, era uma autêntica aristocracia, armada de uma ciência perfeita e agindo para levar a uma solução lógica o sistema industrial de nossos dias. *Seu triunfo não tinha sido apenas sobre a natureza, mas sobre a Natureza e o próximo.* (WELLS, 1981, p. 45) (grifos meus)

A evolução ética, como defendida por Huxley e Wells, se dá através da educação moral e da cooperação geral (vale lembrar mais uma vez que Wells foi um defensor por toda a carreira do governo mundial), para que o ser humano triunfe sobre a natureza e tome por si as rédeas da evolução. Em *A Máquina do Tempo*, Wells indica que humanidade já tomou as rédeas, mas a critica por sua falta de cooperação, que permite que o homem seja mestre de outro homem, conduzindo à formação de criaturas repulsivas no futuro. Partington aponta o uso da educação e de um código moral para determinar o comportamento humano como uma das características da filosofia eugenista de Wells: como Galton, ele vê no governo a responsabilidade de conduzir o processo de evolução da raça humana. Em *A Modern Utopia* ele aponta para a necessidade de um novo tipo de utopia: ao invés das antigas utopias estáticas, uma nova, cinética, em constante movimento e evolução de acordo com as descobertas de Darwin, estando o conceito de constante mudança, evolução e involução, extensivamente presentes em *A Máquina do Tempo*, a partir do ponto de vantagem do mecanismo que possibilita ao protagonista assistir centenas de milhares de mudança em alguns dias.

Considerações Finais

Embora ainda não fosse manifestar uma defesa clara da eugenia na época em que escreveu *A Máquina do Tempo* como faria depois – antes de se arrepender mais para o fim da vida quando rejeitou enfaticamente a influência de Francis Galton em seus escritos –, muitas das bases que levaram H.G. Wells a essa posição já podem ser percebidas: a evolução biológica da espécie humana a partir de características sociais (evolução ética de Huxley); a preocupação com problemas sociais; o pessimismo em relação a sua autoresolução e a repulsa pelos morlocks, descendentes dos tipos mais baixos da sociedade. O futuro sombrio de *A Máquina do Tempo* deixa subentendido que permitir que procriação e a evolução sigam seu curso em uma sociedade quebrada como aquela não era uma opção nada agradável.

Wells tinha consciência e se preocupava com a condição da classe operária europeia, bem como com a guerra e outras mazelas da sociedade. Apontou contradições e desconfiou do avanço certo proclamado pelos homens da ciência do seu tempo, mas ele mesmo não pôde achar em outro lugar que não a ciência uma resposta para aquelas contradições. Era e pensava afinal como um homem do século XIX e, quanto a isso, nem uma verdadeira máquina do tempo poderia ajudá-lo.

Referências

DEL CONT, Valdeir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. *Scientiae Studia*. São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-218, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662008000200004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 27/10/ 2020.

EISENSTEIN, Alex. The Time Machine and the End of Man. *Science Fiction Studies*, n. 9, v. 3, part 2, 1976. Disponível em: <<http://www.depauw.edu/sfs/backissues/9/eisenstein9art.htm>>. Acessado em 03/07/2018.

FEENBERG, Andrew. Critical Theory of Technology: An Overview. *Tailoring Biotechnologies*, v. 1, issue 1, p. 47-64, 2005. Disponível em: <<https://www.sfu.ca/~andrewf/books/critbio.pdf>>. Acessado em: 13/10/2017.

FURLANETTO, Elton Luiz Aliandro. O Futuro como ruptura: a crítica materialista-histórica de ficção científica. *Remate de Males*, v. 32, p. 307–319, 2013.

GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital*. São Paulo: Paz e Terra. 2001.

PARTINGTON, John. H.G. Wells's Eugenic Thinking 1892-1944. *Utopian Studies*. v. 14, n. 1, p. 74-81, 2003. Disponível em: <http://www.academia.edu/1693185/H.G._Wells_s_Eugenic_Thinking_1892-1994.htm>. Acessado em: 31/07/2015.

POLIAKOV, Léon. *O mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

TAUNTON, Matthew. H. G. Wells's Politics. *Discovering Literature: Romantics and Victorians*. The British Library. 2014. Disponível em: <<http://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/h-g-wells-politics>>. Acessado em: 01/07/2015.

TAUNTON, Matthew. Class in The Time Machine. *Discovering Literature: Romantics and Victorians*. The British Library, 2013. Disponível em: <<http://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/class-in-the-time-machine>>. Acessado em: 03/07/2015.

VASCONCELOS, José Antonio. A utopia urbana de Edward Bellamy. *Dimensões*, v. 30, p. 245-265, 2013.

WELLS, Herbert George. *A Máquina do Tempo*. Tradução de Fausto Cunha. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1981.